

ALADI/CR/Ata 670  
(Extraordinária)  
27 de março de 1998  
Hora: 12h40m às 13h30m

### ORDEM DO DIA

O Comitê de Representantes recebe a visita da Excelentíssima Senhora Embaixadora Rosario Green, Secretária das Relações Exteriores do Estados Unidos Mexicanos.

---

Preside:

**JOSÉ ARTUR DENOT MEDEIROS**

Assistem: Gustavo Moreno e Noemí Gómez (Argentina), Mario Lea Plaza e José Guillermo Loría González (Bolívia), José Artur Denot Medeiros, Bruno Luiz dos Santos Cobuccio e Flavio Marega (Brasil), Augusto Bermúdez Arancibia e Alejandro Marisio (Chile), Manuel José Cárdenas e Enrique Pinzón Alvarez (Colômbia), Guillermo Wagner Cevallos (Equador), Rogelio Granguillhome, José Luis Solís, Alberto Rodríguez, Arturo Juárez Juárez e Julio Lampell (México), Arístides Romero (Paraguai), Julio Balabuena López-Alfaro (Peru), Roberto Muinelo (Uruguai), Juan Moreno Gómez, Oscar Fornoza, Yaritza Barbosa e Ruben Pacheco (Venezuela), Deyanira Esquivel (Costa Rica), Manuel Aguilera de la Paz (Cuba), Radu Urzica (Romênia).

Secretário-Geral: Antonio J.C. Antunes.

Secretários-Gerais Adjuntos: Juan Francisco Rojas Penso e Isaac Maidana Quisbert.

PRESIDENTE. Está aberta a sessão.

Se a Senhora Chanceler me permite, vou dizer algumas palavras para depois dar a palavra ao Secretário-Geral e, finalmente, a Vossa Excelência.

SECRETÁRIA DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO MÉXICO (Rosario Green).  
Com muito prazer, Senhor Presidente.

PRESIDENTE. Muito obrigado, Senhora Chanceler.

Em nome do Comitê de Representantes da ALADI tenho a imensa satisfação e grande honra de receber hoje a Embaixadora Rosario Green, Secretária de Estado das Relações Exteriores do México.

Nossa visitante nos brinda sua dupla condição de insigne acadêmica e política. Com efeito, a Chanceler Green reúne duas destacadas dimensões. Uma é a de possuir um espírito inquieto e sensível às transformações do mundo contemporâneo. Outra, a de ser uma personalidade de ação que participa de forma brilhante do Governo de seu país. Essa dupla condição é comprovada por seu impressionante *curriculum vitae*, no qual se verifica um perfeito equilíbrio entre a teoria e a prática.

Senhores, vivemos hoje um novo tempo, que tem a marca profunda da integração, que ampliou, a níveis sem precedentes, os laços materiais e políticos entre nossos povos. Hoje a prosperidade de cada um de nossos países está ligada à prosperidade dos demais. Por isso, nossa Associação, marco de referência obrigatório no processo de integração na América Latina, tem o orgulho de receber a Senhora Chanceler do México, um dos mais ativos países-membros de nossa Associação e o país que outorga, por sua presença, uma dimensão hemisférica a nosso latino-americanismo comum.

Percorremos na ALADI um longo caminho, marcado por muitas expectativas e frustrações, mas também por inegáveis realizações. É impossível negar, por exemplo, a importância do sistema de preferências iniciado pela ALALC e consolidado na ALADI como propulsor do comércio regional.

Este patrimônio regional -que não se limita às preferências comerciais, logicamente, impulsionado atualmente mais ainda pela nova dinâmica dos processos sub-regionais de integração e dos acordos bilaterais e plurilaterais de nova geração como os celebrados pelo México e o Chile com todos nós- apresenta um quadro muito favorável para os objetivos da ALADI.

Com efeito, a ALADI soube e pôde sobreviver às novas realidades dos anos 90, devido à capacidade de adaptação do Tratado de Montevideu 1980. Este Tratado deu, Senhora Chanceler, um marco jurídico mais flexível à integração latino-americana, possibilitando a celebração mais ágil de múltiplos acordos de alcance parcial. E, entre outros fatos integradores, a evolução extremamente favorável do comércio intra-regional -que alcançou níveis sem precedentes no ano de 97- é prova evidente da vitalidade destes acordos parciais e, por conseguinte, desta Associação.

Em síntese, o que estou tentando transmitir é que hoje na América Latina estão dadas as condições para uma integração regional mais ampla, mais solidária e profunda. E, o que é mais, esta nova realidade política e econômica do Continente vai ao encontro das tendências positivas do processo de globalização, multiplicando assim a projeção internacional de nossos esquemas integradores. Os horizontes da integração são, também, favorecidos pelo impulso modernizador que orienta, de

forma geral, as políticas de nossos Governos. Por tudo isso considero que o futuro da ALADI nunca foi tão promissor.

Com esse mesmo espírito construtivo, Senhora Chanceler, estamos todos participando também da fase preparatória da construção da Área de Livre Comércio das Américas, a ALCA, processo ambicioso que somente será viável se for produto do consenso, se verdadeiramente atender aos interesses dos 34 países que a integramos e das agrupações sub-regionais e se tiver, como pretendemos, a legitimidade fundamental dos processos democráticos.

Excelentíssima Senhora Chanceler, esta é a mensagem de otimismo e de confiança no futuro da ALADI que pedimos humildemente a V.Excia. levar para seu grande país, tão bem representado aqui por nosso amigo e colega, o Embaixador Rogelio Granguillhome, país que, por suas peculiaridades, escolheu um caminho singular, mas plenamente compatível com a ALADI, em função da bem sucedida negociação do Protocolo Interpretativo do Artigo 44 do Tratado de Montevideú.

Todos nossos países têm, naturalmente, matizes de opinião na Associação que, às vezes, diferenciam-nos em alguns aspectos. No entanto, o importante é a soma de nossos interesses convergentes, que constitui uma espécie de “geometria variável”, de sinal claramente positivo, que envolve nossas relações na Associação e que torna possível nosso caminho decidido para a integração latino-americana.

Seja, Senhora Chanceler, bem-vinda a esta Casa da Integração que, de fato, é a casa do México e, por isso, também a sua. Muito obrigado por sua atenção.

Tem a palavra o Senhor Secretário-Geral.

SECRETÁRIO-GERAL. Obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente do Comitê, Senhores Embaixadores, demais membros das Representações, Senhores Observadores, Senhores Secretários-Gerais Adjuntos, senhoras e senhores, estamos vivendo, como manifestou o Presidente, um momento particularmente dinâmico, mas também de desafios, no processo de integração desta Associação.

Nesta década de noventa vários fatos integradores, conectando crescentemente nossos países, mudaram completa e muito positivamente este processo de integração.

Temos a criação e o desenvolvimento de um mercado intra-regional cuja importância para o conjunto dos onze países passou a ser tão grande como o que representam a Europa, Estados Unidos da América e Ásia como destino de exportação e origem de importação.

Temos os acordos de nova geração para chegar ao livre comércio de bens, que incluem compromissos em outros temas como serviços e infra-estrutura.

Temos vários projetos de conexão entre nossos sistemas nacionais e de energia, transporte e comunicações.

Temos vários acordos de cooperação em temas culturais e outros temas não econômicos.

Temos as iniciativas cidadãs das reuniões de associações em quase todos os tipos de atividade. E temos o ressurgimento de uma nova etapa de investimentos

estrangeiros diretos, onde nossa região se destaca como uma das mais atrativas e por ter-se iniciado nela um processo de investimento e associação empresarial cruzada entre nossos países.

Todos esses fatos são um patrimônio de nossos onze países. A grande questão é saber o que vamos fazer com tudo isso. Se nos dispersarmos, desunidos na integração hemisférica e na liberalização mundial, ou manteremos nossos objetivos do Tratado de Montevideu 1980.

Com efeito, é possível participar construtivamente da integração hemisférica e da liberação mundial mantendo-nos fiéis ao Tratado e às necessidades atuais de nosso desenvolvimento econômico, social e político.

E isso implica, necessariamente, um processo de articulação e convergência entre esses fatos integradores. Seria difícil, e um esbajamento imperdoável, ignorar a realidade e o potencial que representam esses fatos para atender às necessidades de desenvolvimento de nossos povos.

Senhora Chanceler, o México tem sobressaído notoriamente no panorama da integração desta Associação e no concerto dos países latino-americanos pela seriedade com que tem enfrentado seus desafios políticos, seus ajustamentos macroeconômicos e também pelas iniciativas integradoras, sendo um dos principais protagonistas. Cabe mencionar os vários acordos de nova geração assinados pelo México ao amparo do TM80 e as negociações em curso com os países e sub-regiões da ALADI.

Não se poderia deixar de citar também a grande influência cultural do México em nossos países. É uma influência subliminar que está na imprensa, está na formação de nossa juventude escutando música mexicana, escutando histórias mexicanas sem, às vezes, saber que provêm do México.

Não poderia deixar de citar também, mudando de tema, o papel do México através do exemplar desempenho de sua Representação nesta Casa, a cargo do Embaixador Rogelio Granguillhome, cuja atuação na coordenação de grupos de trabalho, na presidência da Comissão de Orçamento e nas reuniões do Comitê é reconhecida com gratidão e com admiração por todos os presentes.

Não poderia tampouco excluir dessa sintética e talvez insuficiente lista o exemplar cumprimento do México no pagamento de suas contribuições para o eficaz funcionamento desta Casa da Integração.

No entanto, Senhora Professora Chanceler, temos a tentação de apresentar as grandes questões sobre nosso futuro como Associação.

Quais as perspectivas de articulação e convergência de nossos fatos integradores? Vamos completá-los? Vamos avançar nos mesmos? Quais as perspectivas do México sobre os mesmos? Qual pode ser o papel da ALADI nessas perspectivas?

Essas questões, Senhora Chanceler, são permanentes, acompanham a evolução dinâmica da mutável realidade que vivemos hoje em dia. Mas, é oportuno considerá-las muito especialmente neste ano. Estamos em um ano de eventos que podem ser definitórios. Entre esses eventos se destaca a reunião do Conselho de Ministros -da qual esperamos que Vossa Excelência participe, que provavelmente se

realizará na primeira semana de novembro- na qual essas perguntas merecerão respostas que orientem o futuro desta Associação.

Senhora Chanceler, é para mim uma honra e uma grande satisfação participar desta reunião convocada para recebê-la. Lembro que anos atrás tive o prazer de ser recebido por Vossa Excelência na cidade do México, quando era Subsecretária, e de ter escutado com atenção interessantes considerações sobre a integração de nossos países.

Saiba que todos os funcionários da Secretaria-Geral têm grande estima e elevada consideração por suas reconhecidas qualidades profissionais e humanas e por seu destacado desempenho em suas sempre importantes funções.

De nossa parte, Senhora Professora e Chanceler, pode esperar sempre nossa respeitosa amizade e todo o apoio técnico que solicite -desde o México e aqui- a esta Casa da Integração.

PRESIDENTE. Muito obrigado, Senhor Secretário-Geral.

Tenho a honra de dar a palavra à Excelentíssima Senhora Secretária das Relações Exteriores do México, Embaixadora Rosario Green.

SECRETÁRIA DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO MÉXICO (Rosario Green).  
Muito obrigada.

Senhor Presidente do Comitê de Representantes, Senhores Representantes, Senhor Secretário-Geral, Senhores Secretários-Gerais Adjuntos, Senhores Observadores, senhoras e senhores, é realmente uma honra estar, pela primeira vez, como Secretária das Relações Exteriores do México, nesta Casa da Integração Latino-Americana, que, certamente, não me é alheia.

Em oportunidades anteriores pude apreciar o espírito de cordialidade latino-americana que aqui impera, compartilhando plenamente de seus objetivos e ideais.

Esta é também uma ocasião muito propícia para encontrar-me novamente com amigos aos quais me unem grandes afetos. Muito obrigada por me terem dado esta oportunidade.

Nosso processo de integração latino-americana iniciou-se há quase quarenta anos e evoluiu, sem dúvida, ao ritmo das grandes transformações da economia mundial e das repercussões destas transformações sobre nossa região.

Atualmente as políticas comerciais que vêm sendo implementadas nos países de nossa região são, em alguma medida, uma resposta às exigências e aos desafios da globalização. Nossos países buscam uma inserção mais efetiva na economia mundial e para isso utilizam diferentes mecanismos de integração, cuja condição de sobrevivência é seu espírito de convergência.

Estou convencida de que todas as economias de nossa região estão, neste momento, atravessando por um processo muito profundo de transformação e de mudanças, buscando aumentar a produtividade, buscando também ampliar a abertura comercial, a abertura financeira, a abertura de todo tipo, indispensável para poder contribuir para o aprofundamento do desenvolvimento econômico e do bem-estar social de nossos povos.

Durante quase quatro décadas, os diferentes esforços de integração regional e sub-regional da América Latina e do Caribe experimentaram períodos de êxito e períodos menos afortunados. Mas, o importante é que sobrevivem; sobrevivem com um espírito -que é o espírito bolivariano- que finalmente nos convoca e nos acolhe a todos.

Diria que, das primeiras duas décadas de nossa ALALC, temos uma experiência muito importante em termos das desgravações iniciais entre os países latino-americanos e imediatamente -é constatado por todos- um aumento do comércio regional.

No entanto, os objetivos alcançados -devemos reconhecê-lo- entraram relativamente rápido em uma etapa de rendimento decrescente, que leva à feliz transformação da ALALC em ALADI, em 1980.

Lamentavelmente nos persegue a catástrofe dos dez anos da “década perdida”, onde não crescíamos e onde praticamente todos nossos países da América Latina e do Caribe experimentaram sérias limitações no processo de desenvolvimento, o que imprimiu caráter recessivo a todos os esforços integradores que estávamos fazendo em nossa região.

Foram anos -lembramos todos, creio que estão, por sorte, superados- nos quais os países latino-americanos nos concentramos em superar os efeitos dessas crises que nos cominaram a todos: a crise da dívida, a crise dos desajustamentos sociais, provocada pela dívida, pelos fenômenos de ajustamentos, obrigando a importantes ajustamentos estruturais que tiveram, sem dúvida, um impacto social que deveu e deve continuar sendo corrigido por políticas públicas dedicadas a este tipo de metas concretas.

Dentre as medidas adotadas, de alguma maneira, por todos nesse momento posso mencionar as de estabilização econômica, as de desregulação, de descentralização, a redimensão do papel do Estado na economia e, logicamente, a liberalização do comércio e do investimento. Um pacote complicado que tinha, logicamente, arestas muito delicadas, no sentido de que impactou, sem dúvida, nos setores mais vulneráveis da população. Um pacote complicado que fez com que, apesar de que o Estado desregulava e reduzia sua participação na economia, não perdesse seu caráter social, não perdesse seu caráter de responsável pelo bem-estar de todos os habitantes de nossas nações.

Acredito que o que aprendemos nessa década, dolorosa para muitos de nossos países, diria de todos, está aí como experiência muito valiosa, como medicina amarga que tivemos que tragar, mas a partir da qual creio que saímos aliviados, curados, melhorados em nossa saúde em geral. E nos permite, sem dúvida, passar agora a outra etapa, onde vislumbramos a necessidade de promover e de fortalecer os diferentes ritmos e velocidades dos processos e mecanismos de integração existentes. Dizia o Presidente e, de alguma maneira, o Secretário-Geral, que temos, sem dúvida, esquemas que convivem, diferentes esquemas: bilaterais, de caráter mais amplo ou de caráter muito claro, como o MERCOSUL, esquemas como o Pacto Andino, como os esforços centro-americanos, esquemas muito importantes que existem e são muito valiosos e apresentam-nos uma realidade que não podemos ignorar: a realidade de que, conforme avançam estes mecanismos de todo tipo, é importante, no entanto, manter a idéia da convergência, a idéia de nossa ALADI cada vez mas próxima dos requisitos e das necessidades de final do século. É suficiente lembrar, para aqueles que não acreditam em nós, que na atualidade unicamente no âmbito da ALADI estão em vigor noventa e sete acordos bilaterais, multilaterais e

regionais que falam de uma ALADI moderna, pujante, dinâmica, renovada, heterogênea, de uma ALADI que agora já não se pode entender tão facilmente como antes: um conjunto de onze países que buscam uma integração, mas uma ALADI para a qual devemos obter um doutorado, uma ALADI que é importante entender com toda sua riqueza, com toda sua profundidade e com todos os benefícios que deu a nosso impulso integrador latino-americano.

Se me permitem fazer uma reflexão, considero que esta “década perdida de oitenta” como denominamos nós e a CEPAL, permitiu-nos, no entanto -e por isso não foi tão perdida- revalorizar a conveniência da integração e os benefícios de apoiar-nos uns nos outros através de uma maior interrelação.

Lamentavelmente perdemos o crescimento, o ritmo que tínhamos; mas, afinal de contas, nem tudo é sempre preto. Há uma fase, pelo menos, cinza e este cinza nos trouxe a possibilidade de valorizar o esforço conjunto, a possibilidade de compartilhar de nossas experiências e, principalmente, a necessidade de não abandonar nossos esquemas, embora estes tivessem entrado em crise.

Acredito que valeu a pena passar por esta experiência e valorizá-la, porque durante os últimos oito anos houve um impulso em favor do processo de integração na América Latina e no Caribe, e isso é inegável. Isto pode ser constatado nos renovados e cada vez mais eficazes esforços que nossos países estão fazendo, mas, principalmente, apoiados em economias mais sólidas, melhor cimentadas, saneadas e onde, além disso, encontramos um apoio muito forte no fortalecimento de nossas instituições democráticas em nossos países. Esta conjunção foi, sem dúvida, muito importante.

Creio que, além disso, a reativação e o enriquecimento dos processos regionais e sub-regionais de integração correspondem, sem dúvida, a algo cada vez mais evidente, que é a decisão política de nossos Governos, de nossos governantes. O enorme relacionamento pessoal existente a nível de nossos governantes é muito importante porque nos convida e nos convoca a manter este tipo de relacionamento ao longo da vida conjunta de nossos países.

Hoje nossos países fazem parte, pelo menos, de um mecanismo de integração e todos estão negociando, pelo menos também, um instrumento adicional com algum outro país ou grupo de países na região. Temos o MERCOSUL, o Grupo dos Três, o México com o denominado “triângulo do norte” na América Central. Ou seja, há verdadeiramente um espírito integracionista, uma conquista daquela época no século passado desde a época da independência a partir do esforço de nossos próceres, que não eram venezuelanos ou peruanos ou argentinos, senão latino-americanos. E há, então, uma verdadeira possibilidade para pensar, para sonhar, para imaginar e para construir essa pátria comum dos latino-americanos, que deve ser nosso destino.

A expansão do comércio internacional traduziu-se necessariamente e continuará traduzindo-se em melhores oportunidades para o crescimento de nossas economias, crescimento que ao mesmo tempo criará os recursos necessários para atender os importantes compromissos do desenvolvimento, tais como a utilização ótima das capacidades industriais instaladas, a geração de empregos, a promoção do bem-estar coletivo. Hoje, mais do que nunca, os que estudamos economia nesses livros de texto de Bela Balassa creio que estamos convencidos de que o comércio é ponte de desenvolvimento, de crescimento, e deve ser utilizada em benefício de nossas populações. Mais comércio é melhor, menos comércio não é bom.

E nesse sentido, a administração do Presidente Zedillo, absolutamente convencido destes temas de livre comércio, da integração, da pátria latino-americana, iniciou desde sua gestão, no final de 94, um processo importante de aproximação e de consolidação de nossos laços com a América Latina e com o Caribe, apesar de que assume na metade de uma crise terrível, provavelmente a crise mais profunda pela qual atravessou o México, não o México moderno, o México. No entanto, isto não duplica a capacidade nem a decisão nem a vontade de seu Governo e dos mexicanos para avançar, para fazer esse ajustamento maiúsculo que foi necessário fazer e que nos permitiu -apesar de que atravessamos pela pior crise de nossa história- sair dessa crise em um tempo recorde. Sei que foi necessário convidar os países da América Latina com este lamentável efeito “tequila” -oxalá houvesse sido um efeito “margarita” porque é mais suave, mas foi um efeito “tequila”, mas creio que na medida em que pudemos resolver rapidamente o problema, logicamente com o esforço do povo mexicano, com a política adequada do Governo de um Presidente inteligente e eficaz, com o apoio da solidariedade internacional, tendo-o resolvido de maneira relativamente rápida, esse efeito “tequila” foi modificado e hoje, em todo caso, temos o efeito “dragão”, embora pensemos que na medida em que continuemos trabalhando para consolidar nossas economias e a integração nos permita fazê-lo, sem dúvida este efeito “dragão” talvez possa transformar-se em um “tigrizinho” de maneira tal que não nos atinja.

E não venho aqui presumir da recuperação mexicana, porque a verdade como lhes digo, é o resultado não somente de uma liderança forte e importante, mas de um compromisso sério da nação mexicana com uma política pública que, embora dolorosa, era, em definitivo, a única luz no final do túnel e o resultado também dessa cooperação internacional da qual falei e, logicamente, também dessa irmandade latino-americana que com paciência via como o México se acomodava, com as dificuldades do caso, mas dando ao México uma trégua, um tempo, um voto de confiança. Por isso não posso presumir, porque não o fizemos sós. Fizemo-los com a ajuda de muitos elementos, onde a América Latina e estes dez países irmãos aqui, no âmbito da ALADI, tiveram um papel importante. Por conseguinte, nesta recuperação também devemos agradecer o apoio de nossos irmãos sul-americanos.

Mas, a verdade é que obtivemos um crescimento quase espectacular do produto interno, bruto de 7 por cento, que não poderemos manter a esse ritmo. Passaram os tempos dos milagres daqui e de lá, que não vou mencionar, mas dos quais também líamos quando estudávamos economia. Chegamos a uma taxa superior a 7 por cento porque começamos de um ponto realmente baixo, começamos de um decréscimo real da economia, de forma que quando adotamos essa política nos permitiu recuperar ritmos positivos de crescimento e colocou-nos acima de 7 por cento no final de 97. Mas, há uma queda importante do desemprego aberto, que também chegou a ser terrível; chegou a quase 8 por cento e diminuiu para menos de 3 por cento no ano 97. Também é verdade que a inflação superava 50 por cento -e, às vezes, quando falo de uma inflação de 50 por cento alguns países da América Latina que tiveram que tolerar inflações de dois mil por cento, ficam me olhando como se estivesse louca-. Mas, a verdade é que tínhamos feito um grande esforço para reduzir a inflação a um dígito: nove vírgula algo, mas nos mantínhamos em um ponto. Chegar novamente a 52 por cento foi duríssimo, mas pudemos reduzi-la a 16 por cento no final do ano passado. Oxalá nos possamos manter assim. Dependerá muito da estabilização dos preços do petróleo no mercado internacional que nos golpeia, não porque sejamos um país exportador fundamentalmente de petróleo -porque essa cesta de exportação por sorte foi modificada no passado de maneira muito séria - mas 40 por cento da renda fiscal que recebe o Estado mexicano -é importante dizê-lo- está vinculada à produção petrolífera. Nesse sentido há um golpe sobre o orçamento, sobre projetos, sobre a burocracia e todos nós, que fomos, somos ou



seremos parte, alguma vez, da burocracia, sabemos que isso não somente é doloroso para nós, os burocratas, porque os Estados têm em sua burocracia uma forma adicional de criação de emprego. E quando estamos enfrentados a Estados que já não produzem e vendem e, portanto, já não têm tantas empresas, mas duas ou três, vemos que o Estado, através do setor público e, fundamentalmente, do Governo, pode contribuir para a criação de novos postos de trabalho que a economia necessita. Mas, esse é um tema que está ali, que esperamos poder resolver com o conjunto, de uma vez e outra vez, de outros países interessados em resolver o problema: a Venezuela para referir-me somente ao nosso Continente.

Também é uma realidade que o México pode aumentar o nível de suas exportações que hoje atingem 110 bilhões de dólares e, logicamente, diminui de forma muito impressionante o déficit em conta corrente que passa de quase 7 por cento para um por cento no final de 97. As reservas internacionais do México também se incrementam de forma muito acelerada. Hoje estas reservas, em termos líquidos, estão próximas a 25 bilhões de dólares. Constituem o colchão, a segurança de todos os países ou de qualquer país para enfrentar momentos difíceis que esperamos não ter que enfrentar.

Hoje a política do Presidente Zedillo mantém estes três eixos de atuação: uma disciplina fiscal, que não tem outra alternativa que manter-se, porque um país onde a disciplina fiscal é deixada de lado é um país onde a crise volta a ganhar; um segundo eixo desta política é uma política monetária que controle a inflação, que se defenda da inflação: não podemos voltar a castigar a população mexicana com níveis de inflação brutais como no passado, e um tipo de câmbio flexível. As experiências do México com tipos de câmbio com paridades fixas foi lamentável. Hoje estamos com a idéia de que sejam as livres forças do mercado as que determinem e, curiosamente, a faixa de flutuação onde se mantém, não é nada aterrorizadora para os mexicanos. Acostumamo-nos a colocar-nos por volta de oito pesos por um dólar, um pouco mais de oito, às vezes, talvez, pouco menos de oito, mas aí estamos.

Creio que estes resultados -digo isto com o ânimo de compartilhar com os senhores de algumas de nossas cifras, como compartilho também de algumas das nossas preocupações atuais- além de tudo isto que mencionava, surgem de um compromisso do México com os senhores nos princípios fundamentais do livre comércio, que é a alma de nossa Associação. O México, desde o início do processo de integração, demonstrou e continuará demonstrando sua permanente vocação latino-americana, não somente como parte dessa história e dessa cultura que mencionava -e que aprecio- o Secretário-Geral, mas também como resultado de uma convicção política. Neste sentido desejaria destacar que meu país fez notórios avanços em negociações comerciais multilaterais e bilaterais com vários países da região da América Latina, concretizados em modelos bem sucedidos de intercâmbio acelerado. Creio que isto não teria sido possível sem as experiências passadas. Creio que o México de hoje, como os países de nossa ALADI de hoje, não seriam possíveis sem a experiência que iniciamos na década de sessenta de tratar de aproximar-nos de uma maneira diferente.

Para o México, a integração econômica da região ocupa um lugar fundamental dentro de seus objetivos de política exterior e tem caráter prioritário no âmbito de sua política comercial.

A estratégia mexicana busca fortalecer e aprofundar as relações do México com os países da América Latina e do Caribe, através de uma eficiente complementação de nossas economias. Não vivemos competitivamente, mas complementarmente. O

mundo é suficientemente grande para que caibamos todos. E com este espírito fortalecemos nossos vínculos com a América Central, o Caribe e a América do Sul.

O México impulsa a integração latino-americana e caribenha com fatos, e vou permitir-me mencionar de alguma maneira, embora de passagem, esta participação do México porque a considero importante, já que me dão a oportunidade de falar perante os senhores, que me permitem falar do que fizemos, que certamente é comum porque é a maneira em que nós buscamos contribuir, de forma decidida, para a consolidação do projeto integrador da América Latina.

Na América Central subscrevemos acordos de livre comércio com a Costa Rica e com a Nicarágua. E neste momento estamos mantendo conversações -e estão muito adiantadas- com a Guatemala, Honduras e El Salvador que constituem o denominado "triângulo do norte" da América Central e com o Panamá, aos quais em breve se somará Belize. Belize é um país centro-americano e caribenho que, como país vizinho, porque compartilhamos de uma fronteira, apresenta-nos um desafio e uma oportunidade muito especiais.

O México participa também, ativamente, de fato é membro fundador com vários dos países aqui presente e grande impulsor da Associação de Estados do Caribe, constituindo um meio muito importante para consolidar a integração da área. Nessa região, que possui também um extraordinário potencial para estimular os intercâmbios e os projetos de cooperação, duplicamos os esforços para fortalecer nossa relação e estimular nossos intercâmbios comerciais.

Creio que o processo de integração com os países-membros da ALADI é objeto da maior prioridade para o Governo do México. Nosso primeiro Acordo de Livre Comércio foi subscrito com o Chile em 92, e com base no decidido interesse de nossos dois países de aperfeiçoá-lo, iniciamos algumas negociações em 96, que levaram, há duas semanas em Santiago, à assinatura de um Tratado de Livre Comércio muito mais amplo do que tínhamos porque abrange serviços, investimento, propriedade intelectual, maquinaria de solução pacífica das controvérsias, enfim, foi uma experiência bem interessante a de utilizar instrumentos cada vez mais modernos para poder aprofundar a liberalização em acordos já existentes.

O Tratado de Livre Comércio do Grupo dos Três é fundamental para o processo de complementação entre o México, Colômbia e Venezuela. Este Acordo está, atualmente, dando frutos que ultrapassam os aspectos simplesmente comerciais; constituiu-se em um elemento muito valioso e fundamental para fortalecer nossos vínculos econômicos em geral e também em um instrumento adicional para aprofundar o diálogo político e a cooperação dos três no âmbito centro-americano e caribenho. Creio que é um exercício esplêndido.

O Tratado de Livre Comércio entre o México e a Bolívia foi o primeiro em ser assinado com outro país-membro da ALADI com categoria de país de menor desenvolvimento econômico relativo. Este Acordo reflete verdadeiramente e de forma clara o compromisso do México para fortalecer os programas de cooperação de qualquer tipo com este país irmão e reflete, também, uma coisa adicional: o México pode e sabe como negociar com países de dimensão diferente; somos flexíveis, adaptamo-nos e estamos dispostos, por convicção, a fazê-lo com todos e tornar cada vez mais pública e clara nossa vocação integracionista.

O México também está decidido a realizar uma maior aproximação com a Comunidade Andina mediante a subscrição de Tratados de Livre Comércio com o Peru e com o Equador, países com os quais já mantemos conversações avançadas.

Todas estas ações testemunham o compromisso do México com a integração latino-americana.

Nesse heterogêneo mundo da integração latino-americana e da relação do México com a América Latina, através de esquemas de integração, não podemos deixar de mencionar um esquema muito importante como é o esquema existente entre quatro países e ao qual se estão associando outros, que é o MERCOSUL. Este é, sem dúvida, um rico e complexo acordo enraizado em aspectos muito favoráveis como a continuidade geográfica, compartilhando uma bacia, a complementação econômica e considero que a Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai tiveram grande sabedoria para encontrar uma fórmula de aproximação, de consolidação dessas relações e de institucionalização de seus acordos ao amparo, em primeiro lugar, da ALADI e depois da ALADI. Esse é um esquema, realmente, ao qual os mexicanos temos muito respeito.

Por nossa vocação latino-americana e por nosso compromisso com a integração, os mexicanos aspiramos, legitimamente, a um acordo comercial com os países do MERCOSUL. Concedemos uma atenção prioritária a este propósito e é parte de minha visita a esta casa, minha primeira viagem pela América do Sul, que também tem muito a ver com isso.

Os mexicanos estamos comprometidos também com um esforço ainda mais ambicioso ao qual já se referiram tanto o Senhor Presidente como o Senhor Secretário-Geral e que implica a participação de todos nós, os aqui presentes e os que não estão, os trinta e quatro países, a liberalização comercial do continente americano, através da formação da Área de Livre Comércio das Américas.

Sabemos que este processo de negociação se iniciará proximamente no contexto da Segunda Reunião de Cúpula das Américas a realizar-se em abril, na cidade de Santiago do Chile e temos a esperança de que efetivamente aquele prazo que nos pusemos do ano 2005 se cumpra.

Sabemos que está a questão do “fast track”, mas acreditamos que na medida em que demos ao mundo sinais muito claras de que os latino-americanos caminhamos séria e decididamente para esquemas convergentes de integração, perante o risco de ficar fora, entrarão.

Os diferentes modelos e ritmos com os que avança a integração econômica e comercial em nossa região, não devem ser obstáculo para que essa convergência, à qual já me referi aqui pela quarta vez, se inicie e possamos consolidar a resposta continental frente ao novo esquema da globalidade. A globalidade não desaparecerá, está aqui e ficará, tornar-se-á cada vez mais clara, mais aguda; e neste esquema da globalidade devemos participar como uma grande entidade. Para quê? Para obter seus benefícios não somente para nossos atuais habitantes, mas para seus filhos e seus netos. É importante que antes de finalizar o Século XX tenhamos ganho já um lugar na história para este esforço que começa nos anos sessenta e que tem a ver, fundamentalmente, com a responsabilidade dos governantes frente a suas populações.

No atual contexto internacional, dominado pela globalização da economia, o México -e sei que muitos outros países aqui presentes também o estão fazendo- considera necessário vincular-se com outras regiões e com outros países do mundo, bem como participar ativamente de organismos e foros internacionais e multilaterais.

Por isso o México decide constituir juntamente com os Estados Unidos e com o Canadá uma Zona de Livre Comércio partindo do que levou ao MERCOSUL a constituir um mercado comum. Não vamos tão longe como os senhores. Mas, a partir de quê? Desta continuidade geográfica e desta complementação econômica existente. As vizinhanças são uma realidade que devemos assumir e devemos obter benefícios dessas vizinhanças, porque, caso contrário, estaremos em um mundo que não existe, em um mundo imaginário. Por isso nos lançamos neste famoso Acordo que os senhores denominam NAFTA, nós denominamos o “Telecan” (TLCAN), soa como ave, mas é o Tratado da América do Norte.

Também com este mesmo espírito estamos iniciando já com a União Européia um processo muito complexo. Assinamos em dezembro do ano passado um Acordo de Associação Econômica, Concertação Política e Cooperação e, em meados deste ano vamos iniciar as negociações em matéria de bens e serviços. É muito complexo porque participaram dele quinze países que têm seus quinze parlamentos e além disso um parlamento de cúpula que também deve estar informado. Enfim, as maquinarias são complexas mas a vontade é enorme. Fizemos o que os países do MERCOSUL fizeram, emulando estas importantes experiências que os mexicanos sabemos capturar também de nossos irmãos latino-americanos. Colocamos uma cláusula de direitos humanos e de democracia em nossas negociações com a Europa e a estamos honrando.

Também estamos constantemente participando de outros grupos, como a Associação de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico e da Organização para a Cooperação e para o Desenvolvimento Econômico e, logicamente, da OMC. Tudo o que fazemos, todos os esquemas integradores, etc, é feito respeito totalmente o multilateralismo ao qual nos comprometemos no âmbito da Organização Mundial do Comércio.

Não desejaria concluir, senhores e senhores Representantes, sem fazer uma breve referência à implementação de uma estratégia de desenvolvimento baseada na abertura, na liberalização comercial e na integração econômica, porque nos permitiu a todos os países, e talvez esteja falando por experiência própria, superar mais rapidamente a grave crise financeira destes três últimos anos. O México, de forma isolada não teria podido superar esta crise rapidamente. Nossa economia está agora em franca recuperação e com perspectivas mais ou menos claras de um crescimento sustentado nos médio e longo prazos, de aproximadamente 5 por cento, talvez ou pouco mais baixo pelo desequilíbrio dos preços do petróleo, mas, talvez, não mais abaixo de 4.7 por cento. Dizia que estamos em franca recuperação e que as perspectivas são mais ou menos claras. Creio que se pode dizer que não nos equivocamos e que essa estratégia de desenvolvimento está dando seus frutos, que constitui um fator chave para o crescimento das economias, permitindo-nos, ao mesmo tempo, fortalecer nosso latino-americanismo, do qual nunca tivemos dúvidas. E além de fortalecer nosso latino-americanismo nos permitiu, logicamente, avançar no comércio e no investimento, com todos e particularmente com aqueles países com os quais assinamos acordos deste tipo, e temos as cifras. Estamos em uma situação muito melhor com aqueles países com os quais subscrevemos acordos comerciais.

Sabemos que ainda há grande potencial para explorar, as potencialidades que o setor externo oferece para revitalizar nossa economia e para distribuir melhor para o interior os benefícios do crescimento. E este é -creio- justamente um dos principais desafios, não somente para a economia mexicana, mas para todos. Nossos agentes econômicos, nossos empresários necessitam segurança no tempo para fazer seus negócios. No passado nossos países perderam muito pela incertidão que ano após ano representa a renovação de nossas preferências nos acordos no âmbito da

Associação. Considero que a vigência das preferências em nossos acordos deve ser renovada por princípio. Esta certidão é algo que anelamos, que anelam nossos empresários e nossas populações, nossos governantes. Estas preferências são o patrimônio mais valioso da Associação e devemos não somente preservá-las, mas ampliá-las e aprofundá-las porque, caso contrário, ficaremos atrás. Por isso o México lamenta muito, e digo isto aqui pela amizade, pela aproximação e pela vinculação de nossas relações, as decisões que provocaram a perda das preferências comerciais com o Brasil e desejo deixar muito claro aqui meu compromisso de que, como sempre, meu país fará o impossível para demonstrar a melhor disposição de construir esse patrimônio tão entranhável.

Desejaria também aproveitar esta oportunidade para reiterar mais uma vez o compromisso de meu país com a integração, com uma política comercial aberta ao mundo, incluída, transparente e com a não aplicação de medidas restritivas. E com toda humildade e amizade faço um chamado aos países-membros da ALADI em favor de uma integração de todos. Ninguém deve ficar isolado do processo e os benefícios devem ser para todos. Nossos projetos essenciais devem continuar sendo regionais.

A ALADI deve preservar sua integridade institucional e desde nossa ótica consideramos que deve continuar avançando em seus objetivos e aperfeiçoando os instrumentos para obtê-los.

A ALADI deve também tratar de abranger temas novos, temas de final de Século como os serviços e o investimento. Deve fazer um esforço para contar com um mecanismo confiável e expedito para a solução de controvérsias.

É difícil para mim entender a Associação, a Associação na qual creio, na qual me formei -fui a Buenos Aires a estudar integração no INTAL- porque toda a vida fui uma convencida da Associação. É difícil para mim entender que na Associação não sejam aceitos compromissos como os que estão sendo negociados em outras latitudes. Como podemos decidir negociar na ALCA de uma maneira que não possamos começar a introduzir já no âmbito de nossa Associação?

Os países-membros devemos manter, sem dúvida, uma política econômica sã e estável, mas devemos também manter uma política comercial congruente com ela, modernos no interno e também em nossas relações comerciais. Devemos evitar as tentações protecionistas. Devemos evitar a aplicação de medida que obstaculizem o comércio e evitar a tentação também de implementar políticas comerciais discriminatórias. É indispensável que existam entre nós regras claras e transparentes baseadas na confiança, na longa história de esforços comuns, nos momentos em que tivemos dificuldades e também nos momentos bons.

Não desejaria concluir minha intervenção, Senhor Presidente, Senhor Secretário-Geral, sem felicitar a Secretaria-Geral e o Comitê de Representantes pelo trabalho realizado em 97. Foram acordados os elementos necessários para contar no curto prazo com uma Secretaria eficiente, moderna e mais pequena. A ALADI tem um programa de trabalho realista e orientado à ação e destaca-se o caráter inovador ao incorporar aspectos relativos à solução de controvérsias, serviços, promoção e proteção de investimentos e eliminação de medidas não-tarifárias. Ou seja, para demonstrar-nos a todos os que acreditamos e aos que não acreditam que a ALADI se encaminha pela direção correta, com uma muito disciplinada, férrea e boa execução deste programa nas mãos de um extraordinário Secretário-Geral e com o apoio de magníficos representantes.

No final deste ano se realizará a reunião do Conselho de Ministros da ALADI. Obrigada, por convidar-me. Aceito desde já o convite. Aqui nos veremos em novembro. Virei, verdadeiramente, com muito prazer e com mais tempo para conversar mais.

Tenho a certeza de que o Comitê de Representantes fará os maiores esforços para que a preparação deste importante evento nos permita, aos onze Ministros, definir os caminhos dessa ALADI cada vez mais moderna, cada vez mais capaz de responder aos desafios de final de Século, cada vez mais capaz de responder aos desafios dessa ALCA que estamos desenhando todos e cada vez mais capaz de enfrentar os desafios deste esforço de aproximação e de associação com a Europa Unificada.

Senhor Presidente, Senhor Secretário-Geral, Senhores Representantes, agradeço a oportunidade, quase romântica, que me deram de poder voltar a esta Sala. Muito obrigada por sua atenção.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Agradeço por esta, mais que uma exposição, uma verdadeira cátedra sobre nosso latino-americanismo, sobre a importância do México dentro desta latino-americanidade e sobre o futuro da ALADI e da integração.

Proponho que -naturalmente os Representantes vamos informar nossas capitais sobre os importantíssimos conceitos que Vossa Excelência nos transmitiu- que sua exposição faça parte de nossa reflexão comum para a preparação da Décima Reunião do Conselho de Ministros para a qual teremos o prazer de contar com sua presença. Mas, logicamente, se Vossa Excelência deseja vir antes, estaremos a sua disposição.

SECRETÁRIA DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO MÉXICO (Rosario Green).  
Certamente vou vir.

PRESIDENTE. Senhor Ministro, com sua licença desejaria entregar-lhe uma medalha recordatória que oferecemos a todos os ilustres visitantes.

- O Senhor Presidente, Embaixador José Artur Denot Medeiros, em nome do Comitê, entrega uma medalha recordatória à Senhora Embaixadora Rosario Green.
- Aplausos.

Se me permite, também tenho para o Presidente uma pequena “lembrancinha” e também para o Secretário-Geral. São medalhas de outro tipo, que tem muito a haver com dois grandes artistas da plástica mexicana, Frida Kalo e Diego Rivera. Isto é desde o coração do povo mexicano para estes dois grandes servidores da integração latino-americana.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Muito obrigado.

Encerra-se a sessão.

---